

ROTA CLANDESTINA

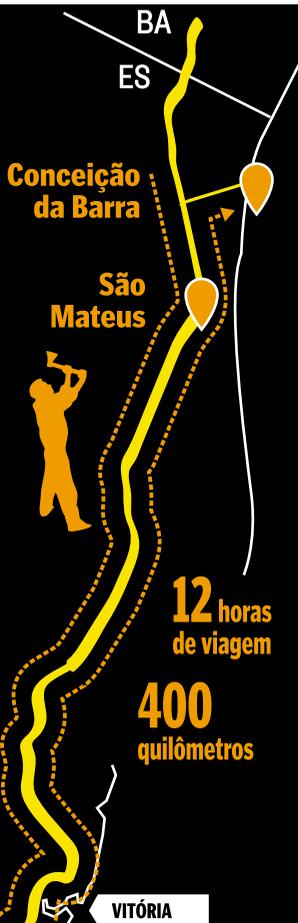
Da madeira à cerâmica

Lenhadores são recrutados para coletar resíduos de madeira em áreas onde o eucalipto é explorado pelas empresas de celulose no Espírito Santo

O material é diariamente transportado em 50 caminhões até Campos dos Goytacazes, no norte fluminense, para abastecer centenas de fornos de cerâmicas

De Campos, a frota de caminhões retorna, desta vez carregada com lajotas fora dos padrões e sem nota, para abastecer o mercado capixaba

Campos dos Goytacazes



SONEGAÇÃO, DESEMPREGO E PREJUÍZO

A entrada irregular de cerâmicas no Estado tem provocado crise no setor



FISCALIZAÇÃO: As principais irregularidades encontradas pela Polícia Rodoviária Federal são excesso de carga e mercadoria sem nota fiscal FOTO: FERNANDO MADEIRA

/// PATRIK CAMPOREZ
pmao@redgazeta.com.br

Por dia, cerca de 50 caminhões carregados com, em média, 3,5 mil metros cúbicos de madeira atravessam o Espírito Santo, por meio da BR 101, até chegar ao polo de Cerâmica de Campos dos Goytacazes, no Norte do Rio de Janeiro, onde abastecem os fornos de mais de 100 fábricas de lajota. Depois de descarregar em Campos, esses caminhões retornam ao Espírito Santo, desta vez carregados com lajota para abastecer o mercado capixaba.

Para fugir da fiscalização, já que boa parte das cargas não tem nota fiscal e os transportadores não seguem as normas de trânsito, os caminhões trafegam sempre de madrugada e usam desvios para fugir da Polícia Rodoviária Federal (PRF).

Estamos diante do que o setor capixaba de cerâmica e a própria polícia convencionaram chamar de “rota clandestina da madeira e da lajota”, um trecho de 400 quilômetros de extensão que faz como vítimas empresários, lenhadores, caminhoneiros, gera desemprego e ainda implica na diminuição da arrecadação de pelo menos 20 municípios do Espírito Santo e também do governo do Estado.

Nas últimas três semanas, A GAZETA se aprofundou numa investigação para entender o funcionamento da rota e apurar as consequências desse trecho para a economia e para a vida dos capixabas. Percorremos a rodovia durante a madrugada, acompanhamos abordagens da PRF e visitamos as comunidades recrutadas para o trabalho precário com as pontas de madeira.

São pessoas como Rosa da Conceição, que acorda antes do sol nascer e caminha mais de uma hora até chegar ao primeiro talhão de terra. É assim que as comunidades do interior de São Mateus e Conceição da Barra, no extremo Norte do Espírito Santo, chamam grandes áreas onde são deixados resíduos de madeira logo após o corte do eucalipto utilizado na produção de celulose. Moradora do Córrego Retiro, a lenhadora de 53 anos



FERNANDO MADEIRA

Numa casa de estuque, sem porta e sem janela, no extremo Norte capixaba, mora Romildo, de 80 anos

“Aqui não tem carteira assinada. Ficamos 15 dias para encher um caminhão e ganhar R\$ 400”

—
ELZA OLIVEIRA AIRES,
50 anos, lenhadora

trabalha sem carteira assinada e, pelos dois caminhões de galhos e troncos finos que consegue encher durante um mês, ganha menos de R\$ 500. Para ter o suficiente para comer, pelo menos outras 100 famílias da região encaram jornadas de trabalho de até 14 horas, sem equipamentos de proteção individual, sem ter acesso a banheiro, refeitório ou qualquer suporte mínimo para aguentar a rotina pesada.

A cata de madeira também é a forma de sobrevivência da família de Romildo Aires, que, aos 80 anos, vive numa casa de estuque, sem porta e sem janela, na comunidade Nossa Senhora da Penha, extremo Norte capixaba. Elza Aires, 50 anos, relata que a situação é mais difí-

cil para as mulheres. Como o trabalho na região é todo braçal, as poucas vagas formais que surgem são destinadas aos homens. “Por isso, o trabalho com pontas de galhos é a única opção”.

TENSÃO NA ROTA

São 21 horas de quinta-feira, 09 de março. Depois de passar o dia na estrada em busca de informações sobre a “rota”, A GAZETA chega a um posto de gasolina em Jaguaré, no Norte capixaba. No local, dezenas de caminhões abarrotados de madeira aguardavam o momento certo para iniciar o trajeto

até Campos. Seguimos o comboio. Cerca de 60 quilômetros à frente, já no município de Linhares, os veículos fizeram uma nova parada. Mais à frente, num posto da PRF, os policiais apontam o primeiro desvio utilizado pelos caminhoneiros para fugir da fiscalização. É uma estrada de terra batida. De tanta movimentação na via estreita, fazendeiros já procuraram a PRF para cobrar fiscalização.

Outros dois desvios, na Serra e em Viana, também já foram descobertos. “Nem todos (os caminhões) estão errados, mas a grande maioria fiscaliza-

da apresenta vários problemas. Vai desde nota fiscal falsa a infrações de trânsito”, diz a polícia.

Nos postos rodoviários, uma régua de madeira é utilizada para fiscalizar este tipo de veículo. “A primeira coisa a medir é a altura, pois muitos andam com a carga acima de 4,40 metros, com várias infrações de trânsito.

Próximo a nossos postos há desvios, e esse pessoal conhece bem. Muitos deles não passam em frente aos postos, mas também fazemos fiscalizações no trecho”, continua a PRF.

A viagem, do Norte do Estado até Campos, dura, em média, 12 horas. Na

FERNANDO MADEIRA



Famílias são recrutadas para catar restos de madeira Na comunidade Córrego do Retiro, pelo menos 20 famílias coletam a lenha que vai para as fábricas de cerâmicas de Campos.

“Eu trabalho no facho (restos de madeira) sem aguentar de tanta dor, porque eu preciso, estou doente. Há 15 dias trabalhando, ainda não consegui juntar R\$ 300”

ROSA CONCEIÇÃO LENHADORA, 56 ANOS

mesma quinta-feira, ainda no posto da PRF de Linhares, flagramos a polícia interceptando um caminhão com carga irregular. Eram 23 horas. O motorista recebeu duas multas graves, perdeu 10 pontos na carteira e foi impedido de seguir viagem.

“A madeira veio dos catadores do Norte do Estado”, admitiu ele, sem demonstrar vontade de dar mais explicações. Outros caminhões que vinham no comboio flagrado pela reportagem conseguiram escapar da fiscalização utilizando o desvio aberto na estrada de terra na saída de Linhares. Todos os veículos tinham placa de Campos dos Goytacazes e haviam acabado de ser carregados no Norte do Estado.

A entrada e saída de madeira e cerâmica ilegal no Estado, por meio da “rota clandestina”, é investigada pela PRF e pela receita estadual. Já a exploração de trabalhadores é acompanhada pelo Ministério Público Federal (MPF) e Ministério Público do Trabalho (MPT).

Segundo o Sindicato da Indústria de Cerâmica do Estado (Sindicar), 40% das lajotas que abastecem o mercado local saem do polo de Campos. As cargas são vendidas no Estado com preço muito reduzido, por se valer da mão de obra precária dos catadores e da falta de fiscalização, que permite o trânsito de produtos sem nota fiscal.

O Sindicato da Indústria de Cerâmica da Construção de Campos dos Goytacazes disse “entender a gravidade da situação” e que o assunto seria tratado, em assembleia, na próxima quarta-feira. Por telefone, o presidente do sindicato, Amaro da Conceição, defendeu o aumento do cerco à entrada de material clandestino no território capixaba. “Ninguém está mais interessado nessa fiscalização do que nós (ceramistas de Campos), porque esse grupo que atua de forma irregular está tanto com o mercado de vocês como no nosso”, disse.

O sindicato contempla 120 associados. “A gente está à disposição para colaborar com qualquer investigação. Sabemos de cerâmicas que fazem tijolos fora da medida e mandam para o Espírito Santo. Isso procede. Mas 60% dos ceramistas trabalham dentro da legalidade”, afirma Amaro.

ROTA CLANDESTINA

MIL POSTOS DE TRABALHO FECHADOS

Setor de cerâmica no Espírito Santo deixa de faturar R\$ 40 milhões por ano

▄ PATRIK CAMPOREZ
pmaacao@redegazeta.com.br

A rota clandestina que alimenta a competição desleal das cerâmicas de Campos com os produtos capixabas já provocou o fechamento de mais de 1 mil postos de trabalho nas empresas do Estado, segundo estimativa do Sindicato da Indústria de Cerâmica do Espírito Santo (Sindicar).

“A situação dos caminhões que vêm buscar madeira no nosso Estado é preocupante e tem destruído o setor no Espírito Santo. É que eles trazem material ilegal e de baixa qualidade, competindo de forma desonesta com a gente”, denuncia o presidente do Sindicar, Ednilson Caniçal.

No Espírito Santo, o setor de cerâmica deixa de faturar R\$ 40 milhões por ano, devido a o que os empresários capixabas chamam de competitividade desleal com Campos. Segundo o Sindicar, o polo de cerâmica de Campos já é responsável por 40% das lajotas que entram no mercado capixaba e são utilizadas na construção civil. O material do município fluminense, entretanto, é produzido com madeira que sai de forma irregular do Norte do Espírito Santo.

A GAZETA passou as últimas semanas investigando as consequências dessa prática para a economia e para a geração de empregos no Espírito Santo.

Os prejuízos causados pela chamada rota clandestina da madeira e da cerâmica são incalculáveis. Dezenas de cerâmicas já fecharam as portas. Quem continua no mercado, opera com menos de 50% da capacidade de produção, como é o

caso do empresário Aldrin Márcio Lubiana, de 47 anos, que tem fábrica de cerâmica no polo de nova Venécia, no Noroeste do Estado. Ele, que precisou demitir 12 funcionários apenas no último ano, argumenta que, com a retirada de barreiras fiscais das divisas do Espírito Santo, a entrada sem nota de lajotas foi facilitada. “Já nós, para colocarmos nossos produtos em outros mercados, temos que passar por barreiras rigorosas de outros Estado. Assim fica difícil competir”, argumenta.

A fábrica de Lubiana tem capacidade para produzir 800 mil peças por mês, mas, por causa da baixa demanda, tem operado com a metade da capacidade, produzindo apenas 400 mil unidades. Há três anos, o empresário modernizou sua fábrica, um investimento de R\$ 2 milhões, mas agora tem dificuldade para pagar o financiamento e até mesmo os funcionários.

MEDO

Desenformador em uma cerâmica em Nova Venécia, no Noroeste do Estado, Rodrigo Gude viu dez de seus

“

A situação dos caminhões que vêm buscar madeira no nosso Estado é preocupante e tem destruído o setor no Estado”

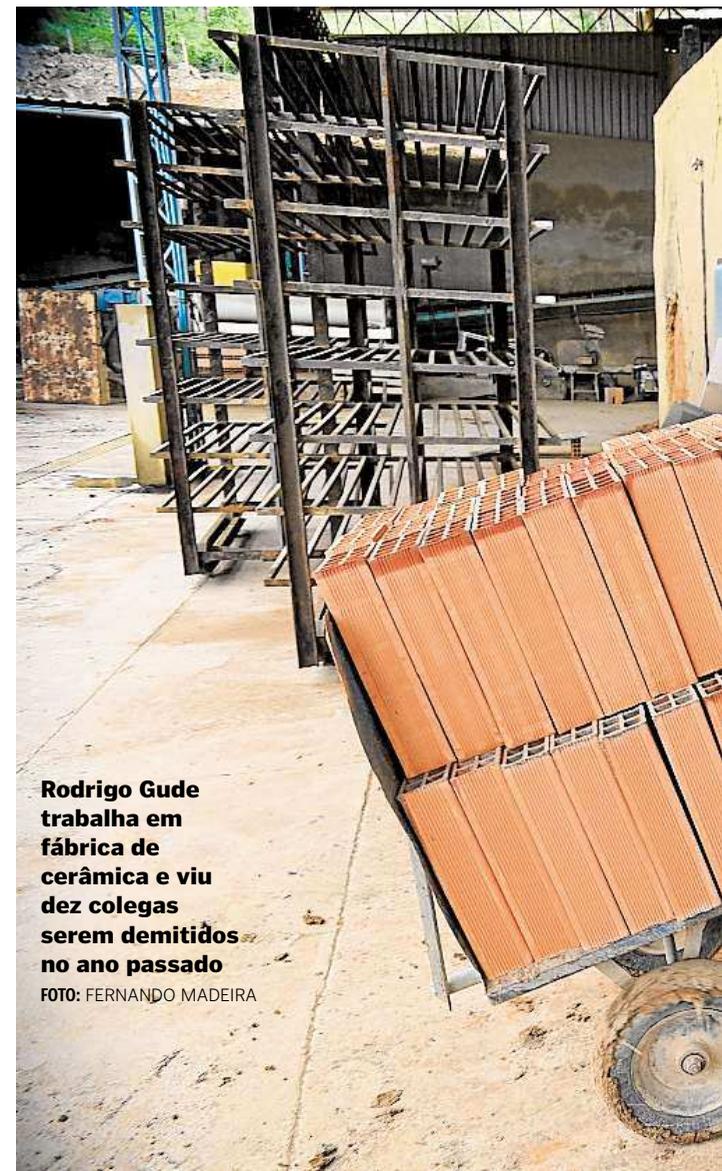
—
EDNILSON CANIÇAL,
presidente do Sindicar

colegas serem demitidos, nos últimos 12 meses, por causa da baixa procura pelas lajotas capixabas. “Essa história das lajotas de Campos sempre comprometeu as vagas de trabalho aqui, na nossa região, pois as vendas diminuíram muito. Isso nos deixa com medo do desemprego”, lamenta.

A Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz) foi procurada várias vezes pela reportagem, por e-mail e tele-

fone, por meio da assessoria de imprensa, mas preferiu não dar detalhes sobre sua atuação nas divisas dos Espírito Santo com os Estados vizinhos. “Informamos que não vamos nos manifestar quanto à possibilidade de sonegação de ICMS em outro Estado. Cabendo, neste caso, ao governo do Rio de Janeiro o controle das vendas nas olarias fluminenses”. A Sefaz esclarece que comprar mercadoria sem nota fiscal é crime previsto lei e que vai investigar as denúncias apresentadas na reportagem de A GAZETA.

Segundo a Polícia Rodoviária Federal, a madeira que segue para Campos sai de áreas de três empresas de celulose que atuam no Norte de Espírito Santo e no Sul da Bahia e utilizam o eucalipto como matéria-prima. “Os galhos das árvores, por serem finos, são vendidos ou doados por essas empresas, então há um grande número de caminhões ou carretas com esse tipo de carga em nosso trecho. A maioria atravessa o Estado indo para Campos dos Goytacazes”, disse a PRF.



Rodrigo Gude trabalha em fábrica de cerâmica e viu dez colegas serem demitidos no ano passado

FOTO: FERNANDO MADEIRA

Empresas capixabas à beira da falência

▄ O Sindicato da Indústria de Cerâmica do Estado (Sindicar) afirma que o setor opera atualmente com 60% de ociosidade e dezenas de empresas estão à beira da falência. Além da concorrência com a cerâmica de Campos, outra dificuldade é a crise na construção civil. “Com a recessão econômica, as vendas caíram drasticamente”, diz o presidente do Sindicar Ednilson Caniçal.

Na própria fábrica dele, no município de João Neiva, 600 mil lajotas encontram-se no estoque à espera de comprador. A capacidade de produção da indústria, de 1,2 milhão de peças por mês, foi reduzida a apenas 400 mil unidades. Com a queda nas vendas, o empresário viu como única opção diminuir o quadro de funcionários. “Aqui nós demitimos 30 dos 50 funcionários. Algumas fábricas estão prestes a fechar as portas, na região de São Roque do Canaã e em Cachoeiro de Itapemirim”.

Ele afirma que a lajota que vem de fora apresenta qualidade inferior “Já realizamos testes em laboratório certificado. O material é de

PROVIDÊNCIAS



“A gente espera que os órgãos tomem as providências necessárias e que o setor possa concorrer de igual para igual”

EDNILSON CANIÇALI
PRESIDENTE DO
SINDICAR

péssima qualidade, baixa resistência e fora das normas da ABNT. Tem tamanho menor e septo muito pequeno, o que enfraquece o produto”.

Para evitar que o desemprego no setor aumenta ainda mais, o representante dos empresários cobra ações do governo e dos órgãos de fiscalização.

IMPACTOS

Prejuízo causado pela rota clandestina ao setor de cerâmica no Estado



1 mil
Postos de trabalho fechados



40%
Do mercado capixaba é abastecido por lajota do Rio de Janeiro



R\$ 40 milhões
É o prejuízo anual do setor, sendo que dezenas de cerâmicas já fecharam as portas

Reivindicações do setor

- Construção de barreiras fiscais para a fiscalização das lajotas que entram no ES
- Aperto na fiscalização, por parte da Polícia Rodoviária Federal
- Aumento do controle da qualidade dos produtos que entram no Estado
- Fim da exploração de trabalhadores para a coleta das pontas de madeira no extremo Norte do Estado

Infografia | Genildo



VIVENDO DE RESTOS DE MADEIRA

A cata de resíduos é a principal atividade de comunidades

Em Sapê do Norte, no extremo norte do Espírito Santo, 32 comunidades quilombolas lutam para sobreviver da agricultura de subsistência. Mas isso é algo quase impossível, já que, com o represamento de córregos e rios para abastecer as monoculturas de cana-de-açúcar e eucalipto, água corrente virou algo raro na região.

Sem ter como irrigar, as plantações de mandioca, urucum e feijão não brotam da terra, e a única opção para boa parte das famílias torna-se a cata de resíduos deixados pelas empresas de celulose. “As dificuldades no Sapê são todas que você pode imaginar. Falta água, não tem como produzir. Viver dos fachos (restos de madeira) é a única opção”, afirma o líder da comunidade de São Domingos, Altiane Blandino, o Pipi.

“Esse trabalho aqui é os-

so. A gente faz o que podemos não ganha R\$ 700 no fim do mês. É a única opção para viver, já que o eucalipto tomou conta de tudo”, acrescenta Orlando Conceição, o Landinho, de 56 anos.

O Ministério Público Federal, por meio da Procuradoria da República em São Mateus, diz que acompanha a situação dos quilombolas que fazem o recolhimento de pontas e galhos de eucalipto desde 2012. Inicialmente, foi instaurado um inquérito civil para tratar das doações de restos de eucaliptos aos quilombolas pela Fibria.

No andamento do inquérito, o MPF entendeu que, embora a doação de madeira auxiliasse a subsistência imediata de muitos quilombolas, ela também alimentava uma “nociva relação de dependência das comunidades” e, com isso, “uma condição de subordinação e

submissão”.

Por sua vez, a Fibria se disse vítima frequente de furtos de madeira em suas florestas plantadas de eucalipto. “O furto de madeira é, muitas vezes, associado a incêndios criminosos, causando danos à biodiversidade e ao meio ambiente”. A empresa destaca que tomou uma série de iniciativas para se aproximar das comunidades do Norte do Espírito Santo e Sul da Bahia, regiões mais críticas, para promover a geração de emprego e renda na região. Mesmo assim, em 2015, o furto de madeira atingiu 82 mil metros cúbicos, um aumento de quatro vezes em relação a 2014 (19 mil metros cúbicos), diz a Fibria, que completa: “Essa madeira é desviada e abastece, clandestinamente, outras cadeias de negócios, conforme já investigado e provado pelas autoridades policiais”.

FERNANDO MADEIRA



Aldrin Márcio Lubiana reduziu a capacidade de produção de sua empresa

VEJA NA WEB

www.gazetaonline.com.br



ACESSE

Confira vídeos com flagrantes de caminhões transportando mercadorias de forma irregular nas estradas do Estado, depósitos de empresários da indústria de cerâmica e de catadores de madeira. Eles são vítimas da rota clandestina de madeira e lajota. leia.ag/rotaclandestina



Orlando Conceição diz que a cata das sobras de madeira é a única opção